

Introdução

VÍTOR GUERREIRO

Cabe dizer algumas palavras acerca do propósito que anima este livro, bem como da pessoa cuja vida e trabalho aqui celebramos: a Professora Maria do Carmo d’Orey (1933–2023), filósofa, artista, docente universitária, autora, divulgadora e tradutora de um segmento *ainda* pouco familiar entre nós da cultura filosófica e estética; uma das pessoas que conheci que mais sabiam sobre filosofia da arte e como a ensinar; que a disseminou, esclareceu e aprimorou ao longo de uma vida. Trata-se de alguém a quem a filosofia da arte em Portugal muito deve, a começar por este reconhecimento elementar. Escreveu o que é, ainda hoje, provavelmente o melhor livro e o mais empolgante (sim, *empolgantes* novecentas páginas) em defesa de um cognitivismo estético de inspiração goodmaniana (*grosso modo*, a ideia de que as artes podem expandir a nossa compreensão das coisas e não apenas dar-nos prazer e entretenimento) em língua portuguesa. Um livro merecedor, sem a menor dúvida, de tradução para outras línguas.

Em muitos aspectos que ultrapassam o domínio filosófico, Maria do Carmo d’Orey foi uma pessoa extraordinária. Além da academia, não é de menor importância, como elemento revelador da sua humanidade, a sensibilidade social que a levou a envolver-se, em 1969, na criação da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos. Feitos como este devem ser recordados numa altura como a que vivemos para evocar a ideia de comunidade de estudo, de amor ao conhecimento e à compreensão por si mesma das coisas, e a perspectiva de como tudo isto, para fazer sentido, deve estar ligado ao interesse pelos outros enquanto pessoas reais.

O projecto de fazer esta homenagem em forma de livro já nos acompanha (a nós, organizadores, contribuidores) há algum tempo, mas quis o destino que o levássemos a bom porto no mesmo ano em que a homenageada, infelizmente, nos deixou, pouco antes de completar o seu nonagésimo aniversário. Embora me entristeça que não o tenha visto publicado, que não o tenha tocado e folheado, como testemunho tangível e não apenas verbal, consola-me saber que pelo menos estava ciente de que viria a ter esta merecida homenagem. A principal razão pela qual a fazemos, sob esta forma, é muito simples: porque é *justo*, mais do que justo, e quem quer que conheça o trabalho da Professora Carmo d'Orey no domínio da estética filosófica em Portugal reconhecerá isso mesmo. Esta é a parte em que me permito falar em nome de todos os que se revêem neste nosso pequeno mas orgulhoso gesto. Além disso, há as razões que me animam mais pessoalmente e que dizem respeito ao meu percurso e ao papel nele desempenhado pela Professora Carmo d'Orey, mas que se prendem também com o lugar da estética filosófica numa sociedade e cultura como a nossa, onde o justo reconhecimento por uma vida dedicada às artes, à compreensão das mesmas, à curiosidade, à clareza do pensamento, não raro ficam aquém do desejável. Entre umas e outras razões está a pessoa, a dimensão daquilo que nos deixou e a questão de como fazer jus a tudo isso.

Há, sem dúvida, outras pessoas a quem poderia ou até deveria ser dada a palavra neste momento e que teriam uma base muito mais sólida do que a minha para falar sobre o que nesta ocasião faria sentido ser dito. Por exemplo, sobre a sua experiência com a escultura, que estudou e praticou, ou, mais tarde, o seu período como *visiting scholar* em Harvard, para trabalhar com Nelson Goodman e Catherine Z. Elgin, enquanto preparava a tese de doutoramento que se viria a transformar no livro *A Exemplificação na Arte: Um Estudo sobre Nelson Goodman*, publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian, entre outros aspectos da sua vida representativos do ser humano que era e não menos importantes do que a filosofia. A minha perspectiva, porém, é limitada. Não fui orientando da Professora Carmo d'Orey; apenas fui seu aluno na cadeira de Estética II, no curso de licenciatura em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, há mais de vinte anos. Não fazia a mínima ideia, naquela altura, de quão importantes se tornariam as suas aulas, aquilo que discutíamos, as visitas a museus como o Árpád

Szenes/Vieira da Silva ou o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, e ainda as apresentações sobre obras de arte, por vezes escolhidas durante essas visitas, embora não necessariamente. Não imaginava que viria a ensinar sobre esses assuntos alunos com a mesma idade que eu tinha então. Não podia adivinhar que essas questões acerca das artes se tornariam o centro dos meus interesses filosóficos, em particular a música, que teve sempre um papel especial na minha vida. Nunca pensei realmente na música e na filosofia como áreas que comunicam ou se intersectam, embora *soubesse* que isso sucedia. Porém, foi nas aulas da Professora Carmo d'Orey que tive pela primeira vez experiência desse tipo de comunicação, mais no domínio das artes plásticas, que era o seu. Recordo-me muito bem das pinturas sobre as quais fiz apresentações (em conjunto com colegas) bem como o ensaio final: Cézanne, uma pintura na série *Os Jogadores de Cartas*; Chagall, *Escutando o Galo*; e Amadeo de Souza-Cardozo, *D. Quixote*. Não lembro do que disse ou escrevi ao certo nesses trabalhos e muito provavelmente iria sorrir se os voltasse a ler. Em todo o caso, foram exercícios importantes. Lembro o seguinte pormenor: como orientação para o modo de abordar as obras que apresentaríamos, estudámos a certo ponto, por umas fotocópias, excertos do texto francês *Découverte de la Peinture*, de René Berger, um livro de 1958 (hoje provavelmente leríamos a tradução inglesa num ecrã de computador, pedindo empréstimos a hora a hora no *Internet Archive*, embora o original francês ainda se encontre nas nossas bibliotecas universitárias) com o charme imbatível das publicações sobre arte dos anos 50 e 60, quando os «intelectuais» escreviam para um público misto, procurando instilar entusiasmo por algo, e não apenas para colegas, sob pressões avaliativas! Assim, adquiríamos o esboço de um método que nos permitia avançar das propriedades meramente possuídas pelas obras de arte – ou, como ela irreverentemente lhes chamava, «as o.a.» – até às propriedades *exemplificadas* (as que a própria obra salienta, exhibe, destaca, mostra, enquadra, refere), sendo que não há uma chave única e absoluta para distinguir adequadamente entre diferentes modos de uma obra particular dar corpo a uma organização de tais propriedades. Não era uma receita infalível, mas foi o primeiro exercício em que procurei simplesmente debater-me com as obras diante de mim, em vez de as usar como referências ou pretextos para o repisar mais ou menos

diligente de ideias em segunda mão. Aquilo era *algo*, embora algo do qual teríamos também de nos libertar, crescendo. Isso levaria *tempo*! Quanto tempo demorei para começar a compreender a importância de um catálogo de cores para a filosofia da arte? Quanto tempo para dominar *reflectivamente* o «é da identificação artística», que, segundo Danto, assinala a diferença entre dois rabiscos idênticos que nos mostram coisas diferentes?

Recordo nitidamente da Professora Carmo d’Orey a simpatia e a disponibilidade, e agora compreendo, com o benefício da retrospectiva, a paciência exigida para nos ajudar a trabalhar sobre tantos temas de uma forma pouco habitual: fazendo perguntas simples e óbvias que normalmente não se fazem porque entram em conflito com a absorvente necessidade de *parecer saber*, e respondendo-lhes com o mesmo espírito de simplicidade. A *dificuldade* de o fazer sabendo que vai *demorar* bastante mais do que um semestre ou um ano lectivo, com a consciência de que ensinar bem é saber deixar ficar as sementes que um dia darão fruto depois de se firmarem invisivelmente as raízes; sabendo que cada um de nós terá de crescer juntamente com as ideias; e que os resultados, os que *importam*, não serão imediatamente visíveis.

Assim, descobríamos como é difícil fazer tudo isso e só com *arte se faz*, quando a há. É precisamente essa a ideia do título que escolhemos para este livro – *Quando Há Arte!*: por um lado, aludir ao texto onde Goodman, a partir de algumas observações aparentemente banais acerca de como as *amostras* funcionam como símbolos, tira conclusões de grande fôlego para a representação nas artes – um dos vários textos que descobrimos e explorámos nas aulas da Professora Carmo d’Orey –, mas sobretudo firma a ideia (convertendo a interrogação do original em exclamação) de que é *quando há arte* que temos aquilo por que estamos gratos e aqui celebramos. Havia arte nas aulas da Professora Carmo d’Orey além da arte que discutíamos: a arte das próprias aulas, como de resto a arte dos seus textos, que merecem ser conhecidos por um público mais vasto do que o português. A essa tarefa dedicarei pessoalmente – afirmo-o aqui sem pudor em registo de promessa – os esforços possíveis, no tempo que me é dado, demore o que demorar. Isto por duas razões, uma das quais já mencionei, mas reitero tantas vezes quantas as necessárias: porque é *justo* e porque *vale a pena* o esforço. Não vi a Professora Carmo d’Orey durante muito tempo. Não a voltei

a ver, na verdade. Guardo a memória daquela figura magra e enérgica, com a sua boina muito característica, discorrendo num ritmo intenso, decisivo, percussivo, mas sempre de forma muito clara e precisa, sobre artes e filosofias da arte. Nunca disparava termos abstrusos meramente para o efeito sem os esclarecer e ligar ao que dissera antes, e o seu entusiasmo pelo ensino não traía de modo algum tudo o que aqueles olhos já tinham visto. Como poderia eu ter imaginado – ao sair da última discussão do trabalho para essa disciplina, o tal em que terei dito uns poucos disparates sobre o *Dom Quixote* de Souza-Cardoso, felizmente olvidados – que o livro dela sobre Goodman se tornaria um elemento tão importante do meu percurso e que levaria a cabo esta homenagem? Como poderia eu ter imaginado que, por mais um acaso do destino, viria a ler um salmo na grande despedida onde me foi dado ouvir as histórias singulares, deliciosas e enternecedoras que deram forma na minha mente à pessoa além da filosofia, envoltas numa atmosfera que me fez regressar a casa com o espírito tão elevado e optimista como se acabasse de ouvir declamar um poema sobre o bater de latas e uma vontade teimosa de ir de burro ajazado à andaluzia... Que de resto ouvi mesmo! E foi esse mesmo poema que escutei novamente agora, ao escrever estas palavras, proferido com a invencível determinação de um espírito não menos álcere e primaveril que o coração-tambor na *Marcha* de Mayakovsky, inundando as praças do mundo com o seu ritmo estridente e a vontade de beber em vida o céu de um só trago.

Não sei bem por que razão me ocorreram estas palavras, nesta ordem precisa. Sei intuitivamente o que *testemunham*: uma alegria de viver que mais se contentaria no rumor dos bichos, na textura granulosa da terra ou da casca rugosa de uma árvore do que na nossa muito urbana e institucional vénia em forma de *Festschrift*, mas que ainda assim a reconheceria e nos acenaria em resposta, com um sorriso cúmplice. O que procuro articular desta forma algo exaltada, porém, não é menos claro e subtil do que um argumento finamente cinzelado. Deixo assim, sem mais floreios e excessos, o meu agradecimento à professora, aos seus familiares e amigos, que além das histórias sobre ela me deram também a alegria de poder escutar o poema pela sua voz, ainda que numa gravação. A todos o meu sentido «Obrigado»!

Este livro reúne os contributos de pessoas, gerações, contextos e países completamente diferentes, algumas das quais tiveram o privilégio de conhecer a Professora Carmo d'Orey, de trabalhar ou estudar com ela. Pessoas amigas, colegas, estudantes, colegas e estudantes dos seus antigos colegas ou estudantes, ou apenas convidados reconhecidos pelo trabalho que com ela partilham nas mesmas áreas de interesse. Todas se deixaram mover pelo reconhecimento de uma dádiva que perdura e nos une no entusiasmo juvenil pela filosofia e pelas artes, as belas e malas-artes da experiência humana; um entusiasmo que, apesar de tudo o mais, nos mantém vivos e a pensar. Ou pelo menos não posso deixar de o descrever assim.

O livro consiste num total de dezasseis ensaios, dos quais dez estão escritos em português, cinco em inglês e um em castelhano. A decisão de os manter assim prende-se com o facto de se tratar de artigos originais, que vêm a lume pela primeira vez aqui e agora, fazendo assim todo o sentido preservá-los tal como foram escritos, na língua original, que deverá surgir antes de quaisquer traduções. Em alguns casos, os artigos são concebidos como resposta a outros, como sucede com o artigo de Nemesio Puy em resposta a James Young, e com o artigo de Vítor Guerreiro (o meu) em resposta a ambos. Neste caso, embora dois dos artigos estejam em inglês (Young e Puy), um deles (Guerreiro) responde aos outros em português, além de dar uma descrição bastante pormenorizada (e desejavelmente fiel, mas isso cabe aos leitores decidir) dos argumentos e ideias centrais dos dois artigos. Esse artigo resulta de uma apresentação pública em inglês, com os outros dois autores, proferida no contexto de um *workshop* na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a 2 de Maio de 2023. Uma versão inglesa *muito mais curta* será eventualmente publicada para continuar o debate. Muito gostaria de ter visto a reacção da homenageada à publicação deste livro e escutar as observações que lhe ocorressem. Na ausência dessa possibilidade, resta-me pelo menos a confiança de que prestamos um tributo suficientemente digno.

O livro está organizado em três partes: 1) Arte e Realidade (cinco artigos); 2) Arte, Imagem e Significado (quatro artigos); 3) Exemplificação e Expressividade (sete artigos). Apesar desta distribuição, não foram escritos de acordo com um plano preciso de ajuste, sendo o terceiro o mais circunscrito tematicamente, uma vez que nesta secção todos

os artigos tratam o conceito goodmaniano de exemplificação, que é absolutamente central na filosofia de Goodman e no trabalho da Professora Carmo d'Orey. No primeiro bloco procurámos reunir os textos que reflectem as diversas formas de relação entre arte e realidade, entendida ou como o mundo fora da arte ou como o contexto artístico em que cada objecto de arte vem a ser o que é. Aqui encontram-se as clássicas questões de definição da arte (Carlos João Correia; Célia Teixeira), ou ainda a questão, daquelas desconcertantemente simples e difíceis ao mesmo tempo, de explicar em que consiste o estilo, embora todos consigamos reconhecer que uma dada obra pertence a um ou outro estilo (Hugo Luzio); mas também o problema das falsificações (a realidade *da* arte) e a diferença que isso faz para o juízo estético (Aires Almeida); bem como questões acerca da interpretação da arte e a importância, para isso mesmo, do que (como as *intenções* autorais) está na «realidade fora da arte» (Paula Mateus).

No segundo bloco reunimos os textos que de algum modo tratam da imagem e do significado, outro tema central no trabalho da Professora Carmo d'Orey (note-se que ao falar de imagens temos por norma em mente imagens pictóricas, mas podemos falar noutro tipo de imagens). Desde logo a icónica (!) questão da semelhança e da representação pictórica, a crítica goodmaniana da primeira como explicação da última, e uma antecedente visão mais subtil da relação entre ambas, que remonta a C. S. Peirce (Vítor Moura). De seguida, a questão do papel (ainda) desempenhado pela beleza no discurso da crítica de arte, a despeito da chamada «Califobia» (fobia da beleza) e da menorização, desde Duchamp, do «retiniano» (Matilde Carrasco-Barranco). Sem esquecer as imagens em movimento e a bateria de questões filosóficas que o cinema levanta, sejam questões gerais relativas à percepção, à representação e à especificidade do seu *medium* ou desafios levantados por obras particulares, como, neste caso, um guião ou argumento cinematográfico escrito por um dramaturgo (Yolanda Espiña); este segundo bloco termina com uma magistral reflexão sobre a natureza do desenho e a especificidade do gráfico e do pictórico entre os diversos «sistemas simbólicos» e entre as diversas artes da imagem (Américo Marcelino).

A terceira e última parte, sobre exemplificação e expressão (ou expressividade), é a mais densa, no sentido de ter mais artigos, e, como

já referi, é também a mais circunscrita tematicamente. O conceito de exemplificação tem um lugar crucial no trabalho da Professora Carmo d'Orey. Dedicou imenso esforço à sua clarificação e desenvolvimento, a ponto de corrigir, quando necessário, o próprio Goodman. O seu magistral livro sobre a exemplificação na arte, que é tanto um verdadeiro curso de estética filosófica quanto uma exploração empolgante do cognitivismo estético, procura mostrar sistematicamente como a teoria goodmaniana é *unificada* pelo conceito de exemplificação, resultando assim num edifício elegante, simples, que procura explicar o mais possível com os mesmos recursos básicos. Em vez de ter uma teoria para cada questão, como a expressividade na música, a representação ficcional, a adequação metafórica, etc., uma teoria goodmaniana procura uma resposta global a estes problemas, com a exemplificação no centro. A este propósito, a própria filosofia de Goodman é um exemplo vívido de como a observação perspicaz da vida quotidiana é mais crucial do que a erudição ruminante: poderia ser ilustrada como o desdobrar de consequências filosóficas profundas, a partir de um olhar atento e sagaz, que se deteve no funcionamento de algo aparentemente tão simples e trivial como catálogos de amostras. Quão longe nos permite voar esse trampolim conceptual, evidentemente é matéria de discussão filosófica acesa, desacordo e polémica. Os autores que participam neste bloco não estão todos de acordo entre si quanto ao alcance e valor de uma filosofia da arte baseada na exemplificação, mas é precisamente com debate, e não com aquiescência, que se honra um trabalho filosófico desta dimensão. Assim, o terceiro bloco abre com dois artigos sobre o conceito de exemplificação: um sobre a exemplificação na ciência, e não apenas na arte, ou como algo pode funcionar simultaneamente como «símbolo estético» e «símbolo científico», através de um exemplo concreto e actual de uma instalação fora dos habituais contextos artísticos (Catherine Elgin), e outro sobre a relação entre exemplificação e expressão (ou expressividade), com uma análise perspicaz das dificuldades e potencialidades oferecidas pela ideia de expressividade como exemplificação metafórica, não previstas por Goodman nem pelos seus críticos (John Kulvicki). Seguem-se quatro artigos sobre a teoria goodmaniana da expressividade como exemplificação metafórica, aplicada ao caso específico da música. Um deles é uma crítica da teoria goodmaniana e a favor da chamada

«teoria da semelhança» (James O. Young), uma teoria perfilhada por filósofos da música como Stephen Davies e, até certo ponto, por Peter Kivy. O artigo seguinte é uma resposta a Young que procura especificar algumas vantagens teóricas na teoria goodmaniana da expressividade, mas aceitando parcialmente as objecções daquele (Nemesio Puy). De seguida, temos uma resposta a ambos, esboçando uma defesa da teoria goodmaniana (Vítor Guerreiro). A concluir a tétrede sobre expressividade musical, temos outro artigo que analisa e critica a aplicabilidade do conceito de exemplificação metafórica à música (Tiago Sousa), mas numa perspectiva mais dialogante com o defensor de outra vertente da teoria da semelhança sobre a expressividade musical, que é Malcolm Budd. O livro termina com uma abordagem ao conceito goodmaniano de exemplificação e ao «projecto cognitivista» em estética, bem como à contribuição da própria arte para a filosofia, na relação antagónica com uma tradição de pensamento filosófico sobre a arte, entre Kant e Greenberg (Sílvia Bento). Uma excelente nota para concluir o volume, a meu ver.

Não vou fazer aqui um resumo de cada artigo, com sinopses de ideias e argumentos. Já vai bem prolixa a introdução deste volume de contribuições generosas, e creio que a breve descrição anterior é um aperitivo perfeitamente adequado para estimular a curiosidade do público. No final do volume, damos aos leitores uma lista das obras citadas ao longo do livro que estão disponíveis em tradução portuguesa. Uma vez que as edições que cada autor decide usar são um aspecto ineliminável do seu trabalho, não seria correcto introduzir aí alterações. Oferecemos ainda uma lista tão completa quanto possível – feita a partir de um *Curriculum Vitae* e de pesquisa bibliográfica – dos textos da Professora Carmo d’Orey publicados em português. Devo ainda observar que faz parte dos meus planos uma edição bilingue desses textos.

Cada autor contribuiu de forma absolutamente livre e espontânea, sem indicações para corresponder a uma *ratio* de temas. Ainda assim, a unidade final não deixa de impressionar: catorze dos dezasseis artigos lidam com algum aspecto do pensamento de Goodman, com maior ou menor profundidade. Procurámos que o livro fosse equilibrado a vários níveis e reflectisse algo da atitude filosófica da homenageada. Há pelo menos um artigo que debate Goodman a partir de uma perspectiva que não é a da estética dita «analítica» e também um artigo, na perspectiva

dita «continental», que não toca sequer em Goodman. Quisemos que a unidade do livro residisse no gesto de homenagem mais do que na linha teórica. A unidade que de facto resultou foi espontânea e não programada e a diversidade de perspectivas, por sua vez, espelha também a atitude da Professora Carmo d'Orey, que era absolutamente avessa à lógica dos guetos filosóficos, da compartimentação ideológica, dos espartilhos e da ausência de abertura e comunicação sob o pretexto da clareza e do rigor.

Resta-me expressar a maior gratidão a todos os participantes que acederam ao convite, bem como aos que não puderam aceder mas não deixaram de manifestar o seu apoio e apreço pelo projecto, bem como o seu afecto e carinho pela homenageada. A família da Professora Carmo d'Orey, na pessoa das suas sobrinhas, foi-nos sempre imensamente prestável, cedendo-nos informação útil e também as fotografias que reproduzimos aqui. Uma nota especial de alento para a sua amiga, a Professora Isabel Matos Dias Caldeira Cabral, que também deu a este projecto uma preciosa ajuda.

Quero ainda deixar um agradecimento aos editores da E-Primatur, Suzana Ramos, também uma antiga aluna da Professora Carmo d'Orey, e Pedro Bernardo, que acarinharam este projecto e provavelmente o salvaram de permanecer em mera potência sabe-se lá por quanto tempo. Agradeço aos outros organizadores e co-contribuidores para este volume: o Professor Carlos João Correia e o Professor Vítor Moura. Não posso fechar a introdução sem agradecer também aos Centros de Investigação a que cada organizador deste volume está filiado – Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho – às respectivas responsáveis pela gestão académica em cada centro (sempre com especial carinho pela Isabel Marques), e, evidentemente, à Fundação para a Ciência e Tecnologia. A homenagem que aqui apresentamos à memória da Professora Carmo d'Orey é o resultado conjunto de esforços e contributos de todas as pessoas e entidades mencionadas. Reservo a última palavra de agradecimento para o público leitor deste livro.

Boa leitura!

Porto, 9 de Agosto de 2023